

## ESTUDOS SOBRE PANOIAS

---

Pelo que escrevi no *Arch. Port.*, I, 38, 39 e 271, sabem os leitores que em Panoias, freguesia de Valle de Nogueiras, ou Vallongueiras, perto de Villa Real de Trás-os-Montes, ha uma importante estação archeologica luso-romana, que tem merecido, desde o seculo XVIII, o aprêço e cuidado dos estudiosos.

Já por pedidos particulares a individuos influentes da localidade, já por um appêllo que no *Arch. Port.*, I, 271 e 272, dirigi á Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal, tenho procurado conseguir que aquella estação seja convenientemente resguardada, e salva da completa destruição que a ameaça: por ora ainda nada obtive!

Em quanto o camartello do pedreiro não estraga tudo, irei aqui inserindo uma serie de estudos, a ver se, mostrando claramente a importancia dos monumentos, as pessoas a quem compete superintender nelles se resolvem a acudir-lhes.

### 1. Cavidades abertas em fragas

Que na estação de Panoias se realizavam cultos pagãos, não ha dúvida nenhuma, pois as inscripções o dizem; mas seria ella só destinada a esse fim? Eis o que não poderá saber-se, sem se proceder primeiro a algumas investigações.

Do relatorio do sr. engenheiro João Henrique von Hafe, a que me referi no *Arch. Port.*, II, 249, extráio a seguinte notícia:

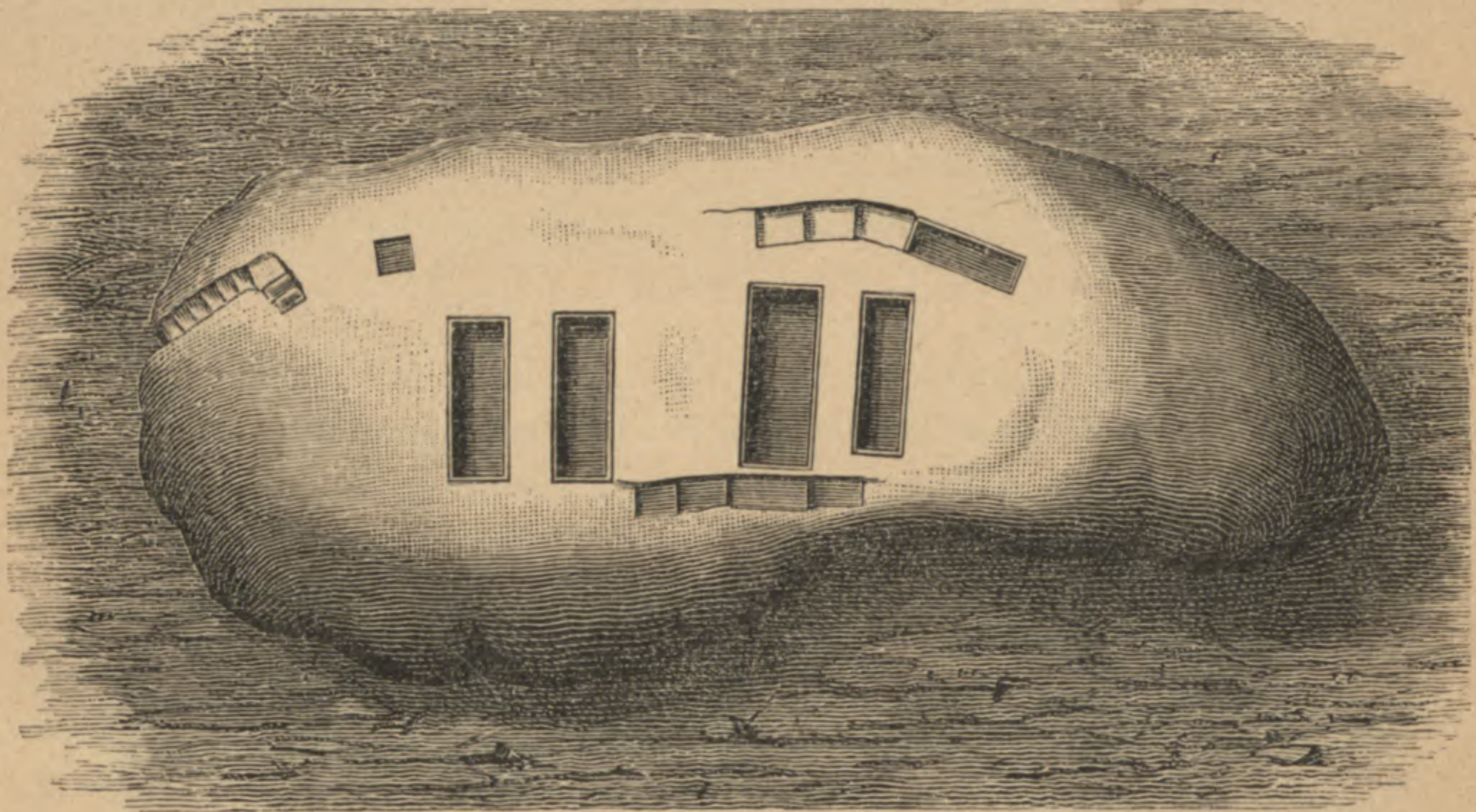
«Copiei tambem, por estar mal representada na obra do Contador d'Argote, uma fraga, na qual se encontram cinco grandes cavidades rectangulares com rebordos destinados a receber lages ou tampas; não pude descobrir nenhuma d'essas tampas. Sobre essa fraga ha um



systema de sulcos abertos na rocha, que impedem a entrada das aguas pluviaes no interior das cavidades».

Esta noticia era acompanhada de uma estampa que reproduzo na figura junta.

No *Boletim da Associação dos Archeologos Portugueses*, 3.<sup>a</sup> serie, pag. 51-53, publicou o Sr. Gabriel Pereira outro artigo, com estampas, á cêrca dos fraguedos de Panoias.



## 2. Inscrição greco-romana

Em alguns dos rochedos graniticos em que abunda aquelle local foram insculpidas inscripções sagradas, — uma em grego com umas palavras latinas, e outras completamente em latim. Todas estas inscripções estão já publicadas, mas imperfeitamente, em virtude da difficuldade da leitura.

A inscripção grega é dada assim no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2395-c, aproximada á versão de Argote:

ΥΨΙCΤCΥCЦИW  
 ΠΙΔΙCΥNΓNPO  
 ΟΗΚΛΙΜΥCΤO  
 PICIG·9·C·CALP·  
 RVFINVS·V·C·



Argote diz que estes caracteres não são latinos, nem gregos, nem hebraicos, nem de outras linguas orientaes, nem tambem punicos—considerando-os por isso como ibericos<sup>1</sup>; o inglez W. Kingston, numa descripção que fez de Panoias, chamou-lhes «unknown characters»<sup>2</sup>: já porém na *Bibliotheca Universal de la Polygraphia Española*, de Rodriguez & Nassarre, Madrid 1738, pag. XII (prologo), se diz que elles são gregos,—e o mesmo nota o Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, *loc. laud.* Mas a inscripção, tal como está, é illegivel.

Em 1895 estive em Panoias, e copiei d'esta maneira a inscripção:

Y Y I G · T Ω C.....  
 Π I Δ I C Y N F N R O  
 .... A I M Y C.....  
 RIO... C·//////C·CCALP  
 R V F I N V S V · C ·

Esta cópia não me satisfaz de modo nenhum, e espero voltar a Panoias para proceder a novo estudo; todavia julguei dever publicá-la assim mesmo, porque póde ser que, entre tanto, outro investigador, mais feliz que eu, a complete.

Os pontos indicam que naquelles lugares ha lettras sobre cujo valor tenho dúvidas. Tambem não tomo a responsabilidade do final da 2.<sup>a</sup> linha.

Talvez a parte grega legivel da inscripção possa transcrever-se provisoriamente do modo seguinte:

Υψίστω Σ...  
 πίδι σὺν.....  
 [κ]αί μυσ[τη]  
 ρίσ[ι]ς.....

O resto é um nome latino: *C. C. Calpurnius Rufinus*, *v(ir) c(larissimus)* [ou *v(oti) c(ompos)?*]<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> *Memorias de Braga*, I, 354.

<sup>2</sup> *Lusitanian sketches, of the pen and pencil*, Londres 1845, pag. 350.

<sup>3</sup> Conhecem-se outros exemplos de mistura de texto grego com latino, sobretudo sendo este constituido por nomes de pessoas: vid. *Corpus Inscriptionum Graecarum*, vol. III, Berlim 1853, pags. 1036, 1038, 1045, 1270, etc.



Traducção presumível:

«Ao muito alto S...pis<sup>1</sup>, ao mesmo tempo a..... e aos myste-  
rios: C. C. Calpurnio Rufino, etc.»<sup>2</sup>.

Se todas as inscripções e as outras pedras historicas de Panoias merecem que a Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal volva para ellas olhos de misericordia, mandando-as resguardar, esta inscripção reclama sobretudo especiaes cuidados, por ser unica no seu genero em Portugal.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

---

<sup>1</sup> Ὑψιστος, no dativo ὑψίστῳ, era um qualificativo que se dava aos deuses: *muito alto, altissimo*. A syllaba πιδι póde ser terminação do dativo de um nome divino acabado no nominativo em -πίς ou -πιδις.

<sup>2</sup> Poder-se-hia pensar que a ultima letra da primeira linha com as quatro primeiras da segunda fizessem parte de uma palavra tal como Σεράπιδι (*a Serapis*); mas não sei se a pedra dará isso.